

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

MARIA CLARA DE ANDRADE LIMA

**O DIA DA MORTE: UM ESTUDO SOBRE NOTÍCIAS E REPORTAGENS SOBRE O
"CONFRONTO" DA POLÍCIA COM LÁZARO BARBOSA**

**BRASÍLIA
2022**

MARIA CLARA DE ANDRADE LIMA

**O DIA DA MORTE: UM ESTUDO SOBRE NOTÍCIAS E REPORTAGENS SOBRE O
"CONFRONTO" DA POLÍCIA COM LÁZARO BARBOSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para aprovação do curso de bacharel em Jornalismo, da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, do Centro Universitário de Brasília sob a orientação do Prof. Dr Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2022

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha família e em especial a minha mãe. Dona Deusa, você encheu minha vida de livros, músicas e filmes e através deles, pude viver mil vidas em uma.

Agradeço ao meu companheiro e melhor amigo por estar ao meu lado nos melhores e piores momentos. Obrigada pela fé, mesmo quando achei que falharia.

Agradeço aos amigos pelo carinho, presença e lealdade. Não teria ido tão longe sem tanto amor.

Agradeço ao meu orientador, professor e amigo, Luiz Claudio, pelos conselhos e ensinamentos transmitidos ao longo desses anos.

Agradeço aos meus guias por me mostrar, através dos obstáculos, que eu poderia ir além do que eu sonhava e esperava.

Acima de tudo, agradeço a mim mesma. Obrigada por lutar, insistir e seguir em frente em meio às dificuldades e tristezas que a vida pode trazer. Sem essa força interior, eu não estaria aqui.

“A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei.”
Romanos 12,1

RESUMO

No dia 9 de junho de 2021, Lázaro Barbosa invadiu uma casa na região do Incra 9, em Ceilândia (DF), onde roubou e assassinou os quatro membros da família Vidal. Após o crime, Lázaro fugiu pela região do Entorno do Distrito Federal onde passou 20 dias sendo procurado por mais de 270 agentes da polícia. A fuga considerada “cinematográfica” abalou a imprensa e as forças de segurança pública do DF e do Goiás, que se uniram em uma caçada pelo fugitivo que deixou rastros de crimes por onde passava. Esta análise pretende observar as estratégias utilizadas pelos portais de notícia *Correio Braziliense*, *G1*, *Metrópoles* e *UOL Notícias* publicadas no dia da morte de Lázaro Barbosa, a fim de identificar se essas publicações questionaram, investigaram ou relativizam as versões apresentadas pela Polícia Civil de Goiás acerca da ação contra o criminoso. O estudo pretende entender o que é o jornalismo policial e sua relação com o sensacionalismo ao utilizar as forças de segurança como a única fonte de informação. Foi concluído que existe uma relativização da violência policial por parte da mídia para cumprir os critérios de punir e chocar a população.

Palavras-chave: sensacionalismo, crime, polícia, violência, Lázaro Barbosa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Capa da reportagem do *Correio Braziliense* a respeito da morte de Lázaro Barbosa

Imagem 2: Linha do tempo desenvolvida pelo *Correio Braziliense* para identificar os passos de Lázaro ao longo dos 20 dias de fuga

Imagem 3: Capa da reportagem do portal *G1* na data em que Lázaro Barbosa foi morto pela Polícia Civil de Goiás

Imagem 4: O *G1* publica o vídeo gravado pela polícia no momento em que o corpo de Lázaro é jogado dentro de um camburão

Imagem 5: Capa da reportagem do portal *Metrópoles* na reportagem que divulga a morte de Lázaro Barbosa. Uma imagem do criminoso ensanguentado é exibida na capa.

Imagem 6: O *Metrópoles* exibe imagens explícitas de Lázaro após ser morto pela Polícia de Goiás

Imagem 7: Capa da reportagem do *UOL Notícias* na data da morte de Lázaro Barbosa

Imagem 8: O portal de notícias divulga um tweet feito pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) após a notícia de que Lázaro foi morto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. JORNALISMO POLICIAL	10
1.1 Jornalismo policial na internet	12
2. O QUE É O SENSACIONALISMO?	13
3. FONTES DE INFORMAÇÃO	16
3.1 Seleção e classificação das fontes	19
3.2 As fontes de informação no jornalismo policial	21
4. METODOLOGIA DE PESQUISA	22
5. ANÁLISE	27
5.1 Matéria 1: Lázaro Barbosa morre em troca de tiros com a polícia em Goiás	27
5.2 Matéria 2: Lázaro Barbosa morre após ser preso em Goiás	30
5.3 Matéria 3: Lázaro Barbosa é morto durante troca de tiros com policiais de Goiás em matagal	33
5. 4 Matéria 4: Lázaro Barbosa é morto em ação policial após 20 dias de busca	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

Em 9 de junho de 2021, um personagem passou a povoar a cobertura policial, o “fugitivo” Lázaro Barbosa, investigado por uma série de crimes no Distrito Federal, na Bahia e em Goiás. O crime que gerou maior repercussão foi a invasão, o roubo e o assassinato de quatro pessoas em uma casa localizada na região do Incra 9, em Ceilândia (DF), a maior região administrativa do Distrito Federal. Inicialmente, o criminoso manteve como reféns os quatro membros da família Vidal.

Cláudio Vidal de Oliveira, de 48 anos, Gustavo Marques Vidal, de 21, Carlos Eduardo Marques Vidal, de 15, pai e filhos, respectivamente, foram mortos a tiros e facadas em casa. Cleonice Marques, de 43, foi levada para o matagal, estuprada e assassinada e seu corpo foi encontrado três dias depois, nu em um córrego próximo à casa dela.

Após o assassinato da família, Lázaro iniciou uma fuga onde deixou um rastro de crimes. No mesmo dia do quadricídio, ele teria invadido uma chácara na mesma região e rendido o caseiro, o dono da propriedade e a filha dele. Em seguida, fugiu para a região de Cocalzinho de Goiás (GO) e baleou três pessoas. No dia 28 de junho de 2021, Lázaro foi preso e morto pela polícia em Águas Lindas (GO), no Entorno de Brasília.

Durante o período da fuga, a imprensa esteve presente e noticiou todas as informações que surgiam através das forças de segurança e dos moradores da região. Jornalistas foram designados para acompanhar de perto o trabalho da polícia e passaram a se instalar pela região.

Informações privadas começaram a ser expostas, como o telefone e endereço da mãe de Lázaro, Eva Maria Sousa; imagens da cena do crime e por fim, o vídeo do momento em que o cadáver do criminoso é jogado em um camburão após receber mais de 60 tiros.

A partir destes fatos, o problema que esta pesquisa traz à discussão é: a forma como a imprensa cobriu o dia da morte de Lázaro Barbosa e se questionou de alguma forma a ação policial contra o criminoso. Atenuou os 126 tiros disparados contra o assassino da família Vidal seria considerado sensacionalismo? Para

compreender a complexidade dessa cobertura midiática, é necessário analisar a forma como a narrativa jornalística criminal é construída. Há possibilidades, por exemplo, de existirem conteúdos de teor sensacionalista, e que não integram critérios de noticiabilidade de caráter social nem promovem “cobrança” à Justiça para que crimes cometidos por policiais sejam investigados.

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar e avaliar as reportagens publicadas no dia da morte de Lázaro Barbosa, a fim de identificar se essas publicações buscaram questionar, relativizar ou investigar as versões apresentadas pela Polícia Civil de Goiás acerca da ação contra o criminoso.

Assuntos relacionados à segurança pública (logo, ao crime) fazem parte da sociedade e por isso, devem ser tratados de forma séria assim como outros temas tratados em editorias como política, economia, saúde e cultura são. Porém, nem sempre o trabalho jornalístico que envolve noticiar um crime é visto desta forma e segue os padrões que comuns adotados pelas editorias tradicionais de alguns veículos.

O jornalismo policial não pode ficar refém exclusivamente das divulgações das investigações policiais. Essa modalidade deve também contextualizar questões sociais acerca do que ocorreu (como, por exemplo, relacionar a desigualdade, a fome e a falta de oportunidades ao aumento de roubos). O jornalismo colabora com a visibilidade da execução da Justiça, o que pode ser um alento para as vítimas, suas famílias e toda a sociedade.

O jornalismo policial não deve apenas limitar-se à ideia de transmitir a informação da polícia de que houve um crime e sim, questionar e investigar os fatos que são reportados pelas fontes de informações oficiais. Portanto, o intuito da presente pesquisa é reforçar a importância de tratar o jornalismo policial de forma séria, a fim de que a editoria seja tratada de forma relevante pois a temática de segurança pública traz um forte impacto para a sociedade.

Desta forma a pesquisa será dividida da seguinte forma: 1. O que é jornalismo policial? Que aborda os elementos do jornalismo policial e sua importância para a mídia; 2. O que é sensacionalismo? Aborda a forma como o sensacionalismo é construído dentro das reportagens; 3. As fontes de informação

abordam o que são as fontes de informação e como elas agem nesse tipo de caso. Por fim, as estratégias metodológicas, a análise da pesquisa e a conclusão.

1. JORNALISMO POLICIAL

A notícia sobre o crime está presente dentro dos veículos de comunicação brasileiros, e costumam ter como pauta notícias que envolvem assaltos, assassinatos, tráfico de drogas, lavagem de dinheiro, corrupção, segurança pública e justiça. Apesar da presença dentro da imprensa, existe uma certa escassez de conteúdo bibliográfico voltado exclusivamente para o jornalismo policial, uma vez que a atividade costuma ser relacionada ao sensacionalismo.

Filgueira, Martins e Santiago (2018) afirma que o jornalismo policial é uma área considerada bastante relevante, uma vez que costuma atingir um público massivo, que interage nas plataformas, compartilha postagens em redes sociais e tem crescido junto ao acesso às novas tecnologias. Devido ao interesse por este tipo de reportagem, o jornalismo policial passa a ser mais explorado dentro das redações, nem sempre adotando os mesmos critérios das outras editorias.

Segundo Romão (2013), o jornalismo policial costuma adotar três categorias que trazem estratégias específicas para a construção da narrativa desta editoria. Seriam elas: o *sensacionalismo*, que busca a captura da atenção através da dramatização, do uso de imagens, da abordagem superficial, da proximidade e a velocidade em se transmitir; a *construção da credibilidade*, que busca trazer fontes de informação oficial, conteúdo exclusivo, proximidade com o público e uma linguagem séria, porém, que se aproxima do leitor; e a *visão de mundo do jornalismo policial*, que traz ideias de que o mundo é perigoso e que é através da punição e da justiça que o problema é resolvido.

As notícias que adotam essas três categorias costumam ser facilmente identificadas, uma vez que relatam o crime de forma superficial, adotando apenas a narrativa apresentada pelas autoridades e apelando pelo uso de imagens e relatos sangrentos.

Segundo Filgueira, Martins e Santiago (2018), se a apuração dos fatos é feita de forma superficial, sem que haja uma busca por maiores informações que poderiam servir como base para entender o que poderia ter levado um

acontecimento até aquele ponto, isso refletirá também na superficialidade da reflexão da população.

Ao tratar a criminalidade de forma rasa, a imprensa passa a dar abertura ao discurso punitivista de que o “malfeitor deve ser punido”.

Considero que os noticiários policiais estão na esteira de um ideal disciplinador que se respalda na tática punitiva contemporânea. De fato, ao tornarem públicos crimes e outros delitos, esses noticiários se instituem como vigilantes do crime (Vigiar e Punir, já diria Foucault) condenando ações e práticas abomináveis. Mais do que isso, tais programas conclamam a sociedade, os órgãos competentes, a fazerem valer a lei, ou seja, aplicarem os e dispositivos de disciplina que se tem como parâmetro. (BORGES, 2002, p. 67-68).

As reportagens passam a criar um cenário onde o crime está sempre presente e o “mal” deve ser combatido — na maioria das vezes, com mais violência. Entender a relação entre um assassinato. No caso Lázaro Barbosa, analisado nesta pesquisa, é possível observar que as reportagens da data de sua morte não voltaram a questionar se o criminoso atuava ou não sozinho; de que forma ele se manteve foragido por 20 dias mesmo com a mobilização de 270 agentes de segurança e o porquê do criminoso ter sido assassinado antes de ser investigado.

1.1 Jornalismo policial na internet

Com o avanço da tecnologia nos últimos 20 anos, o acesso à informação foi chegando para um público maior, o que trouxe um novo modelo de consumo e produção de notícias. A “facilidade” em se conseguir informações de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, trouxe um novo desafio para os jornalistas, que passaram a produzir e publicar informações ainda mais rápido. As novas tecnologias também trouxeram a possibilidade da imprensa e do público atuarem juntos, já que já que qualquer pessoa pode enviar imagens, vídeos, áudios e textos de forma rápida, trazendo novas “pautas” para a redação.

Segundo Romão (2013), a participação de “pessoas comuns” na produção costuma ser uma estratégia do jornalismo policial televisivo, que busca fazer uma manutenção na audiência.

Pensamos que o Jornalismo Policial, por meio deste recurso, tenta provocar certa identificação por parte dos telespectadores, especialmente os de baixa renda, com o discurso apresentado. Como se, assim, fosse indicado que a realidade ali discutida é a realidade da maioria dos brasileiros e, portanto, os problemas apresentados merecessem toda atenção. (ROMÃO, 2013, p. 133).

Esse fenômeno se torna ainda mais forte com o avanço tecnológico, pois a interatividade com o público e a participação na produção jornalística policial é viabilizada. Fatos que não fazem parte do cotidiano passam a ser mais procurados pelo público, o que é incomum ou violento se torna uma necessidade, mesmo que fuja do “valor-notícia”.

Cria-se um impulso de registrar a violência como notícia, já que esse é o conteúdo que o público busca e ajuda a produzir. O jornalista divulga o crime e o leitor passa a crer que existe um “malfeitor” a ser punido e que é através da violência que a violência será extinta. E esse comportamento violento do público pode ser visto facilmente, já que os próprios veículos contribuem para que as opiniões sejam expostas nas plataformas online.

Cria-se um impulso de relatar a violência como notícia, uma vez que o próprio público coopera com esse conteúdo e reforça a ideia de “punir o malfeitor”. Esse comportamento do público não é difícil de encontrar, uma vez que os próprios veículos reservam um espaço onde as pessoas podem expor suas opiniões nas plataformas e redes sociais.

Romão (2013) afirma que o resultado disso é um jornalismo policial extremamente superficial que é incapaz de se aprofundar nos temas discutidos e que, por causa da velocidade em que as notícias são veiculadas, a reflexão é deixada de lado. A cobertura jornalística policial passa a ser alimentado por situações grotescas, dramáticas, cômicas e violentas.

A busca constante por informações urgentes e sangrentas traz a superficialidade a algumas matérias, uma vez que publicar antes do concorrente se torna mais importante. A apuração se torna menos elaborada, a narrativa apresentada pelas forças de segurança são as únicas válidas e os questionamentos para além do crime são deixados de lado. Esse lado do jornalismo policial passa a

aproximar mais da editoria de entretenimento e de um mero espetáculo cruel, dando abertura ao sensacionalismo cru.

2. O QUE É O SENSACIONALISMO?

O sensacionalismo possui diversas definições, sendo a “exploração de uma matéria jornalística de forma escandalosa” o conceito que parece definir o fenômeno de forma mais ampla. De acordo com Angrimani (1995, p. 7), a palavra sensacionalista é a primeira a ser usada para condenar uma matéria que tenha cometido um deslize informativo, exagero na apuração ou no uso de imagens para ser divulgada.

A “busca pelo sensacional” faz parte do jornalismo desde seus primórdios. Traquina (2008) afirma que os primeiros conteúdos de teor sensacionalista surgiram no século XVII, na Inglaterra, com o uso das chamadas “folhas volantes”, uma espécie de jornal boletim focado em algum tema específico, como monarquia, religião, notícias sobre celebridades da época e o mais consumido: assassinatos.

Na era das “folhas volantes”, milagres, abominações, catástrofes, acontecimentos bizarros foram as primeiras ocorrências tratadas nos dias que antecedem os jornais. O nascimento dum porco com duas cabeças era “notícia”, mas visto como sinal da raiva de Deus contra os pecados do seu povo na Inglaterra [...] Quase completamente esquecidos eram os acontecimentos de interesse local. (TRAQUINA, 2008, p. 66)

Nesse período, o valor-notícia eram os acontecimentos que traziam espanto, admiração e medo dos leitores, que sempre buscavam novas edições das folhas volantes. Segundo Traquina (2008), com o passar do tempo, os acontecimentos bizarros que eram narrados se tornaram comuns, sendo escritos até mesmo em primeira pessoa, com um depoimento de um assassino arrependido em primeira mão.

Com o jornalismo se tornando mais consolidado, a busca por notícias do dia a dia tornou-se mais forte. Na França, o conteúdo foi chamado de “fait divers” ou em português “fatos diversos” onde os fatos do cotidiano eram resumidos, segundo Barthes (1964), a catástrofe em nome de uma audiência maior. “Não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um fait divers; ele não remete formalmente a nada além dele próprio” (BARTHES, 1964).

No século XIX, passou a fazer sucesso na França um tipo de jornal popular chamado “canard”, que era impresso em apenas uma página frontal que trazia título, imagem e texto e traziam os fatos diversos (fait divers) do cotidiano da época. Segundo Seguin (1959), os canards mais famosos eram os que traziam crianças violentadas; pais matando filhos; cadáveres queimados e acontecimentos naturais como enchentes, cometas, eclipses e etc

Angrimani (1995) acredita que o fait divers seja o principal combustível do sensacionalismo, apesar de não ser o único. Fatos sobre política, economia, pessoas, animais deformados e crenças populares também fazem parte desse tipo de notícia e não necessariamente precisam de um trabalho profundo de apuração, dentro do ponto de vista comum do jornalismo.

O principal objetivo do conteúdo sensacionalista é trazer a proximidade entre o leitor e aquilo que está sendo relatado, fazendo com que esse indivíduo possa se visualizar, por exemplo, dentro de uma situação onde um parente é assassinado. Como consequência, o leitor passa a sentir sensações conflitantes como medo, busca por justiça e até mesmo violência.

“A narrativa (sensacionalista) transporta o leitor; é como se ele estivesse lá, junto ao estuprador, ao assassino, ao macumbeiro, ao seqüestrador, sentindo as mesmas emoções. Essa narrativa delega sensações por procuração, porque a interiorização, a participação e o reconhecimento desses papéis, tornam o mundo da contravenção subjetivamente real para o leitor. A humanização do relato faz com que o leitor reviva o acontecimento como se fosse ele o próprio autor do que está sendo narrado”. (PEDROSO apud ANGRIMANI, 1995, p. 17)

Na maioria das vezes, o fato que é relatado em uma notícia sensacionalista sequer é importante ou considerado valor-notícia, mas as sensações que ele traz é sua busca é que o tornam relevante para o público. Segundo Traquina (2005), ao visualizarmos a notícia como uma “estória”, passamos a compreender a dimensão cultural que essas notícias trazem para a sociedade e como consequência, sua influência social.

Quando a imprensa passa a reservar uma parte da programação diária para relatar aquilo que é mais perverso, cômico ou dramático, o público passa a crer que esse conteúdo é a única realidade existente. Segundo Angrimani (1995), a imprensa

passa a atuar como um agente influenciador e posicionador de conduta, que passa a influenciar o público como catarse, ainda que existam as preocupações críticas em relação ao conteúdo publicado.

O meio de comunicação sensacionalista se assemelha a um neurótico obsessivo, um ego que deseja dar vazão a múltiplas ações transgressoras – que busca satisfação no fetichismo, voyeurismo, sadomasoquismo, coprofilia, incesto, pedofilia, necrofilia – ao mesmo tempo em que é reprimido por um superego cruel e implacável. É nesse pêndulo (transgressão-punição) que o sensacionalismo se apóia. A mensagem sensacionalista é, ao mesmo tempo, imoral-moralista e não limita com rigor o domínio da realidade e da representação. Nessa soma de ambigüidades se revela um agir dividido, esquizofrênico. (ANGRIMANI, 1995, p. 17)

Segundo Angrimani (1995), é na exploração das perversões e das fantasias onde o sensacionalismo se destaca das matérias comuns (ou fatos diversos). Por isso, o jornalismo policial carrega uma carga forte do sensacionalismo, já que sua construção depende da exposição do crime de forma chocante e superficial, sem buscar a raiz social do problema.

A exploração do fato perverso, cômico e dramático é o combustível do jornalismo sensacionalista, que está fortemente atrelado ao jornalismo policial devido a sua própria natureza de realizar a cobertura de crimes. O único interesse é detalhar de que forma ele cometeu os crimes.

Filgueira, Martins e Santiago (2018, p. 9) afirmam que o real foco do jornalismo sensacionalista é em conseguir o maior número possível de interessados em ler a notícia e gerar audiência. Nesse sentido, o jornalismo policial passa a abrir mão do seu poder de relevância para abordar um fato, focando apenas em gerar maiores fins lucrativos.

Os jornalistas que adotam o sensacionalismo passam a se adaptar aos desejos do público, uma vez que o retorno vem através dos cliques e compartilhamentos. A superficialidade e o exagero nos fatos passa até mesmo a incentivar questões como a marginalização, o punitivismo e a violência policial, uma vez que adotar a polícia como única fonte leva a crer que os crimes cometidos pela corporação “fazem parte” da rotina policial.

Como discutem Filgueira, Martins e Santiago (2018), falar sobre os problemas do jornalismo sensacionalista e sua ligação com o jornalismo policial não é buscar a descriminalização do crime e sim, defender o direito do acusado ser punido pela Justiça, em processo legal e não pelo público ou pelo jornalista. Trata-se de fugir da superficialidade e buscar melhores condições de segurança pública.

3. FONTES DE INFORMAÇÃO

Quando se fala na produção de uma reportagem, um dos elementos fundamentais a ser observado durante a operação é o uso das fontes de informação. Sejam personagens, testemunhas, instituições, empresas ou órgãos públicos, o jornalista costuma recolher dessas fontes dados e depoimentos para inseri-los em uma reportagem. Neste capítulo, será analisado como surgiram as fontes e de que forma elas podem influenciar um repórter durante a produção de uma reportagem policial.

Schmitz (2011) afirma que é preciso primeiramente saber diferenciar a “fonte de informação” da “fonte de notícia”, já que a informação é algo que está disponível para alguém. Enquanto a fonte de notícia necessita de um meio para ser transmitida, ou seja, através de um mediador que faça circular seu conhecimento.

Nesse sentido, uma fonte de notícia pode ser um personagem ou órgão que esteja disposto a fornecer ao jornalista uma informação ou sugestão de pauta que possa ser utilizada em uma reportagem. O trabalho do repórter neste caso, é decidir se essa informação é de utilidade pública ou se encaixa nos critérios de noticiabilidade.

Lage (2001) afirma que as fontes de informação (ou fontes de notícia) nunca foram treinadas para desempenhar o papel informativo para a imprensa. Era comum que os repórteres buscassem informações com funcionários públicos, políticos, diretores de empresas, gerentes, viajantes e etc. Esse cenário só mudou após a Segunda Guerra Mundial, quando surgiram as assessorias de imprensa (posteriormente, chamadas de assessorias de comunicação) onde o contato com as fontes era feito de forma regulada e profissional.

A mudança não foi bem recebida pelos jornalistas na época, que acreditavam que o novo formato de abordagem das fontes poderia resultar na censura das informações. O resultado foi uma delimitação das posições dentro das instituições, que passaram a designar um profissional específico para delimitar o que seria divulgado para a imprensa.

Diante da difusão das assessorias de imprensa, o significado e o tratamento das fontes mudaram.

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Dentro da esfera pública e privada, a relação entre jornalista e assessor passa a se desenvolver de forma que a assessoria passa a filtrar aquilo que vai ser informado de forma que favoreça aquele que está representando, enquanto o jornalista divulga a informação que é dada em forma de notícia.

Lage (2001) cita o exemplo desta relação, lembrando de quando foi implementado no Brasil o sistema de assistência médica contratada. As assessorias de imprensa dessas empresas utilizavam mecanismos internos de informação para pautar a imprensa a respeito dos problemas encontrados em hospitais e ambulatórios gratuitos mantidos pelo governo. Em pouco tempo, houve um aumento no número de clientes que utilizavam a assistência médica privada devido aos horrores expostos em jornais, rádios e televisão.

No entanto, o êxito obtido – a desmoralização dos serviços públicos mesmo em cidades em que eles representavam conquista historicamente consolidada, como o Rio de Janeiro ou São Paulo – deve-se, mais do que a essa manobra, à perda real de qualidade das instituições governamentais, sem condições de atender à população crescente, e à incapacidade que demonstraram de armar-se para a batalha da opinião pública tal como ocorre em toda parte, no mundo moderno. (LAGE, 2001, p. 22)

Essa relação de fonte pautando a imprensa está associada à Teoria do Agendamento, desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972), onde existe uma relação entre as agendas pública e midiática. Os autores acreditam que o público tem tendência a se importar mais com os assuntos que têm maior visibilidade na imprensa e, portanto, é sobre isso que devemos falar.

Anos depois, os pesquisadores passaram a se questionar se existe mesmo uma agenda da imprensa ou se esta agenda apenas se reflete na agenda das próprias fontes públicas de informação. Observar por este lado significa afirmar que

as fontes de informação têm um poder informativo igual ao da imprensa e por isso, deseja se igualar a ela. Porém, se esse fosse o desejo das assessorias de imprensa, seu conteúdo não seria tão voltado para seus públicos específicos (pessoas que buscam planos de saúde, por exemplo).

É evidente que, ainda que não seja a intenção, as assessorias de imprensa buscam pautar a imprensa e desta forma, fazer com que algum determinado assunto não seja o enfoque para que não afete as instituições públicas ou privadas, empresas ou pessoas que estejam representando. Schmitz (2011) afirma que a intenção dos “promotores de notícias” é garantir um espaço nos processos jornalísticos, criando acontecimentos públicos que sejam adaptados à noticiabilidade.

3.1 Seleção e classificação das fontes

A função de decidir os critérios de noticiabilidade de uma pauta e a seleção das fontes faz parte da rotina do repórter. Segundo Traquina (2005 apud. Bourdieu, 1997), os jornalistas possuem um “óculos” que identifica o que é ou não uma notícia e desta forma, pode selecionar os fatos e construir algo que é de interesse público.

Desta forma, o repórter também saberia identificar dentre as diversas fontes de informação qual seria a adequada para entrar em uma reportagem e classificar sua importância. Por exemplo, ao tratar de uma pauta sobre a alfabetização para idosos, o jornalista tende a buscar especialistas em educação, professores que atendem idosos, idosos que aprenderam a ler tardiamente e etc.

Schmitz (2011) afirma que de uma “fonte limpa” espera-se uma origem certa, segura, informações que não sejam suspeitas e sejam autorizadas. O “ir à fonte” seria dirigir-se a quem poderia de fato fornecer a informação exata sobre algo ou explicar a origem do fato que será divulgado. Porém, segundo o autor, a situação não se aplica ao jornalismo investigativo, uma vez que seria uma decisão da própria fonte fornecer a notícia.

Outro fator importante dentro da apuração e seleção de fontes é a forma como o jornalista se relaciona com aquele que vai entrevistar. Para Lage (2001),

uma relação de honestidade entre jornalista e fonte de informação só é possível se ambos cooperarem. Como exemplo, o autor cita o filósofo Paul Grice, que criou as máximas convencionais, um conjunto de regras que devem conduzir a conversa entre duas pessoas através da cooperação e compreensão. A conversa dependerá da visão de um dos envolvidos a respeito do que o outro pretende.

Se ambos se admitem em boa fé, procurarão atender às máximas e esperarão que o interlocutor faça o mesmo. Nenhum deles será (nem esperará que o outro seja): (a) lacônico, nem conte mais do que lhe foi perguntado (Máxima da quantidade); (b) deliberadamente falso, ou afirme meras suspeitas (Máxima da qualidade); (c) excessivamente minucioso (Máxima da relevância); (d) vago, ambíguo, ou construa de maneira desordenada seu discurso (Máxima da clareza). (LAGE, 2001, p. 25)

A conversa entre jornalista e fonte de informação passa a estar ligada à forma como a fonte enxerga o repórter. Por exemplo, se ela acredita que o repórter pode ajudá-la a solucionar um problema, ela irá falar de forma mais detalhada e muitas vezes irá buscar a redação para trazer a pauta, enquanto questões mais sérias que envolvem política, economia ou crimes, a relação passa a ser mais tensa, pois a fonte acredita que a imprensa poderá prejudicá-lo.

Segundo Lage (2001), é preciso que o repórter também entenda que uma fonte não está mentindo, não significa que ela esteja dizendo a verdade. Em alguns casos, como de políticos, pregadores ou vendedores, eles são treinados para acreditar naquilo que está sendo dito e logo, passam a se mostrar convincentes e acreditar naquilo que está sendo dito, ainda que não seja a verdade.

O fenômeno pode ser explicado pelo conceito de relevância encontrado na teoria das máximas de Grice.

Em uma definição formal, dada por Dan Sperber e Deirdre Wilson, relevante é aquilo que, combinado com informações da memória e do contexto, permite a produção de informação nova. A previsão de chuva para domingo, feita pelo noticiário de televisão com base em informações do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) é, assim, relevante para alguém porque (a) tem credibilidade, seja pelos acertos anteriores ou, mais provavelmente, pelo prestígio tecnológico da instituição que o gerou (não se compara, nesse aspecto, com o palpite do vizinho, que se baseia no quanto dói ou deixa de doer sua artrite do tornozelo); (b) combinada com as intenções desse alguém,

indica que não poderá ir à praia ou programar o churrasco ao ar livre do fim de semana. (LAGE, 2001, p. 26)

Esse critério muitas vezes se baseia justamente na questão de relevância social, ou seja, se o assunto está ou não sendo debatido nos últimos dias. Por exemplo, no período da Covid-19, as fontes de informação mais relevantes eram médicos infectologistas, o ministro da Saúde, funcionários dos órgãos públicos de saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a depender da fonte selecionada, a pauta poderia tomar um rumo diferente.

Uma parte importante da etapa de seleção de fontes de informação é a própria classificação destas, que se dá através de denominar os papéis de cada fonte dentro de uma reportagem. Segundo Schmitz (2011), a maioria das informações jornalísticas é plural e por isso, emana vários tipos de fontes que o jornalista usa para reforçar ou confirmar a veracidade de um fato e, por isso, é essencial hierarquizar as fontes para que não haja espaço para polifonia dentro de dados, relatos, opiniões e mídias.

Uma forma de classificar as fontes é a usada por Lage (2001), que define que as fontes de informação se divergem em três naturezas. O autor categoriza as fontes em três grupos: as oficiais, as oficiosas e as independentes: a primeira são fontes ligadas ao Estado e costumam preservar os Três Poderes e organizações relacionadas como juntas comerciais, cartórios, estatais e etc), costuma ser preferida da mídia; em seguida são as oficiosas ou empresariais, que representam uma entidade, empresa ou indivíduo e não tem o costume de falar de forma independente; por fim as independentes (ou popular), que costumam não ser relacionadas a organizações ou grupos, se tratando de uma testemunha ou observador que costuma falar suas próprias opiniões.

Schmitz (2011) explica que as três categorias de fontes de informação costumam ser divididas em duas partes: a primária e a secundária. As primárias são aquelas que fornecem informações diretas relacionadas à pauta, sendo dados, relatos, depoimentos, imagens e fatos. Já as secundárias costumam contextualizar e analisar de forma que complemente os fatos apresentados pela fonte primária.

3.2 As fontes de informação no jornalismo policial

No jornalismo policial existe uma preferência maior pelas fontes oficiais, sejam elas a própria polícia, os juízes, promotores ou dados relacionados à segurança pública. Essa preferência pela visão policial de um crime se dá muitas vezes pela facilidade de se relacionar com as fontes oficiais, já que o protocolo para entrar em contato com as assessorias de imprensa é mais simples do que falar com a vítima ou testemunha de um crime.

A relação entre imprensa e polícia também segue o caminho inverso, já que atualmente existem canais no Telegram e no WhatsApp em que a própria corporação passa a divulgar suas ações para a mídia, se tornando disponíveis para falar sobre uma possível pauta antes mesmo que o jornalista possa encontrá-la.

Segundo Gonçalves (2016), isso acontece porque as fontes de qualquer organização tentam criar diariamente informação que consiga atrair os jornalistas, desenvolvendo uma série de rotinas produtivas para serem pautadas na imprensa. A produção do conteúdo para pauta feita pelas forças de segurança desenvolvem um trabalho de ir de encontro com o que a imprensa procura.

E por se tratar de uma autoridade, alguns repórteres não buscam se aprofundar nas apurações, uma vez que as fontes oficiais são vistas como “estáveis” e “limpas”. Desta forma, as informações acabam se unindo à própria visão da corporação de que “não existem problemas na segurança pública” ou de que “o problema está sendo resolvido”.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

O objetivo desta pesquisa é analisar reportagens publicadas pelos portais Correio Braziliense, G1, Metrôpoles e UOL Notícias e descobrir se essas publicações relativizam, questionam ou investigam as versões apresentadas pela polícia a respeito do assassinato de Lázaro Barbosa.

O período escolhido foi o dia 28 de junho de 2021, data em que o criminoso foi capturado e assassinado pela Polícia de Goiás (PCGO). Os portais de notícia foram selecionados com base no acesso e na gratuidade. Foram selecionadas quatro matérias, uma de cada veículo, no período de 12 horas após a morte do criminoso.

Neste sentido, foram utilizadas duas metodologias de pesquisa sendo elas a análise documental e a análise de conteúdo. A análise documental será utilizada para a seleção das reportagens que serão estudadas dentro desta pesquisa, a fim de identificar possíveis irregularidades dentro da cobertura policial.

O método de análise documental, segundo Moreira (2009), é conceituado como a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para um determinado fim e se faz através do resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. As principais fontes para essa metodologia são os jornais antigos, revistas, almanaques, documentos e entre outros.

Nesta pesquisa, serão utilizadas as primeiras reportagens publicadas nos veículos selecionados no dia 28 de junho de 2021, data em que Lázaro Barbosa foi morto durante uma ação policial. O uso deste método para a pesquisa dessas reportagens se faz necessário pois é através da seleção e análise que as observações principais são encontradas.

Moreira (2009) explica que o conteúdo estudado durante a análise documental frequentemente surge de forma secundária, já que são conhecimentos,

dados ou informações já reunidos e organizados previamente. As fontes secundárias neste caso são o corpus da pesquisa, já que a análise é feita a partir das reportagens selecionadas. Sendo assim, as primárias seriam as fontes consultadas pelos repórteres durante o período em que foi apurado e publicado.

A análise documental trata-se de uma pesquisa qualitativa, ou seja, usa da seleção de materiais para entender seu conteúdo e o que ele reflete para que a pesquisa tenha sido feita inicialmente. Segundo Moreira (2009), as fontes utilizadas para a pesquisa seriam encontradas em bibliotecas públicas, centros de pesquisas, acervos de mídia, arquivos documentais, acervos dos próprios veículos e etc. No caso do objeto de estudo, serão utilizadas reportagens do acervo dos veículos que foram previamente selecionados como parte da pesquisa.

O outro método de pesquisa adotado dentro da análise das reportagens é o de análise de conteúdo. Segundo Fonseca Júnior (2009), a análise de conteúdo se faz presente nos trabalhos de pesquisa em comunicação desde seus primórdios na etapa de *communication research* até os dias atuais com as novas tecnologias e as pesquisas que avaliam os novos desafios emergentes da comunicação.

De forma geral, o autor define que o método de análise de conteúdo é uma concepção ampla em que se estuda as ciências humanas e sociais, estando destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa. Neste sentido, trata-se de uma forma minuciosa de analisar a superfície de um tema.

Segundo Fonseca Júnior (2009), o uso da análise de conteúdo como forma de pesquisa dentro da comunicação se deu pelo florescimento do jornalismo sensacionalista nas últimas décadas de XIX. Ao assumir que a sociedade civil era perplexa ao assunto, as escolas norte-americanas passaram a adotar a análise quantitativa de períodos como critério de objetividade científica.

Para que esse método de pesquisa seja utilizado, o autor define que é necessário apresentar o material a ser estudado e a maneira que ele foi classificado e definido. Nesta pesquisa em questão, foram analisadas a construção das

reportagens e a forma como foi realizado o trabalho de apuração e produção da deste material, visando identificar dentro do texto jornalístico se houve sinais de sensacionalismo e relativização da violência policial.

É importante identificar durante a análise os horários em que as reportagens foram publicadas e quais foram as fontes de informação utilizadas para compor a narrativa policial. Para isso, Fonseca Júnior (2009) explica que é necessário que o pesquisador analise os aspectos do objeto de estudo de forma que seja possível trabalhar com índices e uma linha de raciocínio, para que seja identificado as intenções que o objeto tem a transmitir.

Dentro da pesquisa, serão analisadas as estratégias utilizadas pelos jornalistas para realizar a apuração e produção das notícias. Será observado os critérios de noticiabilidade, a escolha das fontes de informação e a forma como foi repassada ao público o assassinato de Lázaro Barbosa e sua relação com a polícia.

A escolha das reportagens se deu pela questão dos acessos aos portais de notícias. O *G1* e o *UOL Notícias* são dois dos veículos nacionais gratuitos mais acessados do país e, portanto, teriam um público maior que acompanharia a cobertura do dia da morte de Lázaro. Com relação a escolha do *Correio Braziliense* e do *Metrópoles*, ambos foram selecionados pela questão regional (o crime ocorreu na região do Incra 9, em Ceilândia-DF) e novamente pelo número de acessos e a gratuidade.

Foram apenas quatro pela alta visibilidade do caso e, portanto, haveria um número maior para classificação e categorização, o que entraria em outros quesitos que fogem o objetivo da pesquisa. A escolha de analisar apenas a data em que Lázaro Barbosa foi morto se dá pelo interesse em entender a forma como os veículos atuaram durante o momento em que a caçada chega ao fim. O intuito é observar se por se tratar de um conteúdo mais “urgente” o teor sensacionalista se torna mais próximo.

Quadro 1. Seleção das matérias para análise e o horário em que foram publicadas.

TÍTULO	HORÁRIO DA PUBLICAÇÃO	VEÍCULO
Lázaro Barbosa morre em troca de tiros com a polícia em Goiás	Publicado: 28/06/2021 às 09:45 / atualizado em 28/06/2021 12:23	Correio Braziliense
Lázaro Barbosa morre após ser preso em Goiás	Publicado: 28/06/2021 às 10h10 / atualizado há um ano	G1
Lázaro Barbosa é morto durante troca de tiros com policiais de Goiás em matagal	Publicado 28/06/2021 às 9:54 / atualizado 28/06/2021 às 12:15	Metrópoles
Lázaro Barbosa é morto em ação policial após 20 dias de busca	Publicado: 28/06/2021 às 9h34 / atualizado 28/06/2021 às 20h43	UOL Notícias

Essa pesquisa se torna importante para o jornalismo pela necessidade de se criar mecanismos que evitem a superficialidade e o sensacionalismo dentro das reportagens policiais. Como foi abordado nos capítulos anteriores, existe um fenômeno dentro da editoria de jornalismo policial que cria uma necessidade de se transformar a notícia em um espetáculo de horrores, de forma que é relativizado ações policiais e não se busca compreender as causas para que esse crime persista.

5. ANÁLISE

Em sequência ao que foi abordado nos capítulos anteriores, iremos analisar as estratégias utilizadas por jornalistas durante a cobertura do caso Lázaro Barbosa, especificamente do dia em que o acusado foi morto a tiros por policiais no dia 28 de junho de 2021.

A análise se dá pelo uso de dois métodos de pesquisa: a análise documental e a análise de conteúdo. Foram selecionadas quatro reportagens dos veículos *G1*, *UOL Notícias*, *Metrópoles* e *Correio Braziliense*, publicadas durante as primeiras 12 horas após a divulgação da morte de Lázaro Barbosa. Os primeiros detalhes divulgados pela polícia a respeito da prisão e assassinato de Lázaro surgiram por volta das 9h da manhã da data.

Ao longo da pesquisa foram identificadas as principais estratégias da editoria policial e como os erros que nela são encontrados podem gerar uma sequência de reportagens sensacionalistas e superficiais que tendem a vilanizar o criminoso; fugir da análise profunda social; relativizar a violência policial e criar a falsa sensação de segurança na sociedade civil.

Após a seleção e classificação das reportagens, a análise passa a buscar dentro das publicações se existe superficialidade nas reportagens, o que poderia causar a relativização da ação policial contra Lázaro Barbosa, falta de questionamentos a respeito das motivações e mandantes do crime e se houve elementos sensacionalistas para atrair a atenção do público. Segundo Angrimani (1995), é possível identificar se a imprensa está se beneficiando do perverso para criar uma realidade de medo e violência se ela passa a atuar como agente influenciador e posicionador de conduta.

5.1 Matéria 1: Lázaro Barbosa morre em troca de tiros com a polícia em Goiás

O *Correio Braziliense* publicou a primeira matéria falando sobre o assassinato de Lázaro Barbosa às 9h45 do dia do assassinato. A matéria segue o padrão comum dentro da editoria de polícia, que segundo Romão (2013) se dá

através da captura da atenção, construção da credibilidade e visão de mundo do jornalismo policial.

Os repórteres optaram por utilizar as fontes oficiais para relatar o ocorrido, entrevistando o secretário de Segurança Pública de Goiás, Rodney Miranda, durante o pronunciamento após a morte de Lázaro; uma declaração do governador de Goiás, Ronaldo Caiado, nas redes sociais, onde ele anuncia a prisão e garante que “Goiás não é Disneylândia de bandido” e parabeniza a ação da polícia em atirar no acusado e por fim, a própria corporação que enviou na mesma data os vídeos e relatos de que Lázaro havia sido capturado e morto.



Imagem 1: Capa da reportagem do *Correio Braziliense* a respeito da morte de Lázaro Barbosa

O uso de fontes oficiais faz parte da construção da credibilidade citada por Romão (2013), onde o jornalista busca construir uma visão de autoridade e confiabilidade nas matérias e no jornal. Ao ler o depoimento de Rodney Miranda, o leitor passa acreditar que a solução para o problema de um assassino a solta foi resolvida e, portanto, não necessita de maior profundidade.

“De modo diferente de um trabalho jornalístico sério, no entanto, as autoridades presentes no Jornalismo Policial dificilmente apresentam posições conflitantes com a opinião dos programas do gênero” (ROMÃO, 2013, p. 45).

Na reportagem é feito o uso de imagens de Lázaro Barbosa e da polícia após a confirmação de que o acusado havia sido preso e assassinado. Não existem imagens específicas da ação da polícia ou do vídeo que viralizou, onde a polícia jogava o corpo de Lázaro dentro do camburão. O uso de imagens de Lázaro, da polícia e do governador facilitam a proximidade do leitor com o que está sendo relatado. Segundo Romão (2013), essa relação se torna quase hipnótica entre leitor e imprensa.

Outro elemento muito comum no Jornalismo Policial e que é usado pela reportagem do *Correio Braziliense* é a linha do tempo. Na imagem 2 é possível ver a linha do tempo criada pelo jornal e onde se encontram informações desde o assassinato da família Vidal, a fuga de 20 dias e a captura e morte de Lázaro pela polícia. Esta linha do tempo identifica os pontos principais do crime, geralmente a parte mais violenta e a ação da polícia e foge da busca por possíveis mandantes do crime e razões para o ocorrido.



Imagem 2: Linha do tempo desenvolvida pelo *Correio Braziliense* para identificar os passos de Lázaro ao longo dos 20 dias de fuga

Romão (2013) afirma que isso faz parte da abordagem superficial, uma característica do sensacionalismo onde o jornalismo policial se limita a clichês e

visões simplistas sobre os ocorridos, deixando de lado o desenvolvimento de reflexões rigorosas.

Na reportagem se nota que, apesar da violência policial não ser necessariamente relativizada pelos jornalistas, existe uma falta de apuração para além das fontes oficiais. A apuração não questiona a Polícia Civil de Goiás a respeito da ação, e porque foram necessários 127 tiros para parar um criminoso que aparentemente estava agindo sozinho no momento que foi encontrado.

A reportagem se assemelha fortemente com um “release” publicado pela Polícia Civil de Goiás ou a Secretaria de Segurança Pública (SSP), onde o foco é informar que Lázaro foi detido e morto e que as buscas enfim terminaram. Segundo Romão (2013), essa situação onde a imprensa acaba publicizando em excesso o trabalho da polícia, de forma sempre elogiosa, faz com que a própria corporação busque a imprensa para indicar boas possibilidades de reportagem. O veículo fica sucinto apenas a informar o crime através dos olhos da polícia, tornando a reportagem superficial e um mero boletim do crime.

5.2 Matéria 2: Lázaro Barbosa morre após ser preso em Goiás

A segunda reportagem relacionada a morte de Lázaro Barbosa é a do G1, portal de notícias online da Rede Globo. No primeiro parágrafo do texto jornalístico é possível identificar um dos principais critérios para a construção da narrativa policial: descrição do crime, local, número de envolvidos, ficha do criminoso e ação policial. A reportagem também é carregada com vídeos, imagens, linha do tempo e nota das forças de segurança.

Neste caso, a matéria segue uma linha mais extensa, onde as informações do dia da morte de Lázaro Barbosa são inseridas nos dois primeiros parágrafos e o resto do conteúdo segue para detalhar o caso desde o dia 9 de junho, quando o acusado cometeu os assassinatos e o dia fatídico de sua morte. Inclusive, o G1 utiliza o vídeo do momento em que a polícia de Goiás joga o corpo de Lázaro Barbosa dentro do camburão.



Imagem 3: Capa da reportagem do portal G1 na data em que Lázaro Barbosa foi morto pela Polícia Civil de Goiás

Filgueira, Martins e Santiago (2018, p. 13) afirmam que o sensacionalismo das notícias policiais está presente desde a escolha de qual fato será noticiado até a forma como será publicado. Deste modo, identificamos que o repórteres buscavam se adaptar aos critérios do jornalismo policial, buscando pela captura da atenção através das imagens e vídeos; a construção da credibilidade através do uso das fontes oficiais e das nota da Secretaria de Segurança Pública de Goiás (SSP-GO) e visão de mundo do jornalismo policial, onde se traz uma sensação ao final de que o crime foi resolvido e logo, não volta a acontecer.

O texto jornalístico traz informações diversas a respeito da trajetória de Lázaro Barbosa durante os 20 dias em que fugiu e foi assassinado. Os jornalistas optam por informar fatos como objetos que foram utilizados pelo acusado, etapas da polícia durante a busca, histórico criminal de Lázaro durante o período de buscas e ainda detalhes como o uso da cadela Cristal, um cão farejador que ajudou nas buscas em Brumadinho (MG). Essas questões fazem parte dos critérios citados por

Angrimani (1995), onde a proximidade e os detalhes trazem uma relação quase cinematográfica entre a notícia e o público.



Imagem 4: O G1 publica o vídeo gravado pela polícia no momento em que o corpo de Lázaro é jogado dentro de um camburão

Angrimani (1995) explica que a linguagem do texto jornalístico e o destaque das imagens tende a tornar o texto mais atraente para o leitor que busca esse tipo de conteúdo. O leitor que abre a reportagem do G1 consegue visualizar imagens da Polícia Civil de Goiás durante a busca por Lázaro, imagens do criminoso; imagens da região de Cocalzinho de Goiás (GO) e por fim, imagens gravadas pela própria polícia do momento em que o cadáver de Lázaro é jogado dentro de um camburão.

A cobertura do dia da morte de Lázaro Barbosa feita pelo G1 tem por foco exaltar a atuação da polícia e se estender nos detalhes dos crimes cometidos pelo fugitivo, desde o período em que fugiu da Bahia, o crime contra a família Vidal e os que foram cometidos durante o período em que Lázaro fugia.

Além de relativizar e publicizar o trabalho das forças de segurança, a reportagem apela para a ideia de “conteúdo exclusivo” onde se aproveita de imagens, depoimentos e hiperlinks de matérias anteriores com detalhes sobre a busca pelo criminoso para chamar a atenção do leitor. Não se questiona e nem

investiga a ação policial, já que a Polícia Civil de Goiás, o Governo de Goiás e a Secretaria de Segurança Pública do estado são as duas principais fontes de informação para a reportagem.

5.3 Matéria 3: Lázaro Barbosa é morto durante troca de tiros com policiais de Goiás em matagal

A reportagem do *Metrópoles* veiculada às 9:54 aborda o caso de uma forma mais “chula”, utilizando uma linguagem coloquial e apelidos inventados pelo veículo para tratar Lázaro Barbosa, além do uso explícito de imagens do acusado morto. Essa narrativa que aponta o bizarro e o trágico faz parte daquilo que Angrimani (1955) e Romão (2013) descrevem como estrutura básica do jornalismo sensacionalista.



Imagem 5: Capa da reportagem do portal *Metrôpoles* na reportagem que divulga a morte de Lázaro Barbosa. Uma imagem do criminoso ensanguentado é exibida na capa.

Segundo Romão (2013), é comum que dentro da programação jornalística exista situações cômicas, excêntricas e especialmente violentas e dramáticas. Esse uso da dramatização é recorrente nas reportagens policiais em que se usa muito da dramaturgia para definir quem seria o herói ou vilão. Dentro da reportagem do

Metrópoles, é possível notar facilmente o uso dessas estratégias para capturar a atenção do público, inclusive antes desta data, já que o acusado já era considerado um “maníaco” antes mesmo que a polícia terminasse de reunir as provas.

Lázaro Barbosa é chamado pelo jornal de “maníaco”, enquanto a reportagem descreve nos mínimos detalhes a ação policial contra o acusado, além do período da fuga e dos crimes que causaram a perseguição considerada “cinematográfica” pela imprensa. Além de ser enfatizado ao longo do texto o quanto Lázaro era um “maníaco” e um “criminoso” a reportagem utiliza de vídeos e imagens do acusado morto e sangrando para provar que a ação policial foi efetiva e deve ser aplaudida.



Veja o vídeo do momento em que Lázaro chega de maca ao hospital:

Imagem 6: O *Metrôpoles* exibe imagens explícitas de Lázaro após ser morto pela Polícia de Goiás

A reportagem faz o uso em especial das forças de segurança como fonte, onde eles descrevem toda a ação, bem como atestam que agora, “as pessoas podem ficar tranquilas”. Também é utilizado os depoimentos de testemunhas que moram na região de Águas Lindas de Goiás, onde Lázaro foi encontrado e morto. Uma mulher que foi entrevistada chega a comentar que gostaria que ele fosse pego vivo, para que os outros crimes fossem esclarecidos, mas que agora respira aliviada

por saber que o caso teve um “desfecho”. O uso do elemento “visão de mundo do jornalista”, definida por Romão (2013), é parte da reportagem, já que cria-se um cenário de que os problemas de segurança pública foram resolvidos agora que Lázaro Barbosa está morto.

O sensacionalismo fala mais alto, já que imagens de sangue e violência são exibidas na capa como forma de atrair a atenção do público e criar um cenário de morte como punição contra os que cometem o crime. Além do sangue como protagonista, a reportagem reserva um espaço especial para a polícia, que tem a ação publicizada e parabenizada, sem questionamentos a respeito do porquê 127 tiros foram disparados contra o criminoso antes que houvesse uma investigação para saber a raiz do crime.

5. 4 Matéria 4: Lázaro Barbosa é morto em ação policial após 20 dias de busca

Por fim, a última matéria é a do *UOL Notícias*, que também trata do caso de forma superficial e sucinta. É informado logo no lide o período em que levou para que Lázaro Barbosa fosse encontrado, o crime e a ação policial. Em seguida, o portal de notícias revela possuir as imagens do acusado morto e que a autenticidade foi confirmada pela polícia, porém, não serão veiculadas na reportagem.



Imagem 7: Capa da reportagem do UOL Notícias na data da morte de Lázaro Barbosa

Assim como nas reportagens anteriores, a maior parte dos fatos apresentados na reportagem do *UOL Notícias* provém das fontes oficiais que incluem a polícia, o governador de Goiás e o secretário de Segurança Pública de Goiás. Para além dos citados, a reportagem também menciona que o presidente Jair Bolsonaro (PL) comentou a morte do acusado, usando uma de seus bordões mais falados, o do “CPF negativado”.

Esse modelo pronto onde se utiliza apenas o que as forças de segurança têm a dizer como informação parece ser uma parte da estrutura da narrativa policial, onde a credibilidade da polícia, ainda que esteja envolvida no crime, é maior do que a de uma testemunha, por exemplo. As imagens utilizadas também são as que foram feitas pela corporação após a prisão e assassinato de Lázaro, porém, o único vídeo e imagem tem sua imagem distorcida para que não se torne explícito.



Imagem 8: O portal de notícias menciona tweet feito pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) após a notícia de que Lázaro foi morto

A reportagem do *UOL Notícias* traz mais informações que provém das forças de segurança pública do que as outras reportagens analisadas. Para explicar a mobilização dos 270 agentes, é inserido um intertítulo onde se detalha questões como as atividades de Lázaro durante a fuga, a troca de tiros com a polícia, os crimes contra a população local e o trabalho da Secretaria de Segurança Pública de Goiás (SSP) durante o período. Além disso, também é inserida um breve histórico dos crimes de Lázaro ao longo dos anos.

Segundo Gonçalves (2016), o uso das forças de segurança como fonte preferida da mídia se dá pelo fato de que a corporação costuma tratar especificamente do que é interesse público. No caso Lázaro Barbosa, era de interesse público saber detalhes sobre as buscas e crimes cometidos pelo acusado, já que foram movidos 270 agentes para encontrá-lo no período em que transitou a região de Cocalzinho de Goiás, porém, isso não é questionado na reportagem, já que o foco é mostrar uma ação policial foi bem-sucedida.

Novamente, os grandes protagonistas da reportagem são as fontes de informação oficiais, em especial, a Polícia Civil de Goiás (PCGO) e a Secretaria de Segurança Pública. A ação policial que matou Lázaro Barbosa com 127 tiros, antes mesmo que houvesse uma investigação completa de seus crimes em nenhum momento é questionada, pelo contrário, é publicizada e recebe um espaço reservado para reforçar que 270 agentes de segurança foram movidos para auxiliarem nas buscas e detalhes sobre as atuações da força-tarefa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise das reportagens e o estudo a respeito da estrutura da reportagem policial, a presente pesquisa chega a duas conclusões. Em primeiro lugar, o crime é parte da sociedade, assim como a política, a economia, a saúde, a cultura e a educação e logo, deve fazer parte da agenda da imprensa. Porém, reportar a criminalidade não deve se limitar apenas à versão apresentada pela polícia e é preciso que o jornalismo exerça seu papel de investigar e questionar. Em segundo lugar, o sensacionalismo e o jornalismo policial são alimentados pelo sensacionalismo, mas não deve ser limitado ao sangue no jornal e sim, na busca por entender o crime como um fato.

A cobertura criminal limita-se, em sua maioria, a reportar a ação policial — o criminoso sendo perseguido, preso ou imagens da polícia no local onde o crime aconteceu — e quase sempre acrescentado de um comentário ácido do jornalista reforçando o discurso de que a polícia agiu bem e o crime deve ser devidamente punido (geralmente, com violência). A preocupação com o “porquê” e ir além do que a própria polícia afirma é inexistente.

No caso Lázaro Barbosa, esse padrão do jornalismo policial atrelado ao sensacionalismo se torna evidente nas reportagens analisadas. O criminoso conseguiu passar 20 dias foragido dentro da mata sempre com munição, alimento e até mesmo abrigo e em nenhum momento isso foi questionado pela imprensa no dia em que foi capturado e morto. As reportagens foram baseadas na coletiva de imprensa da Secretaria de Segurança Pública de Goiás (SSP-GO) e nos depoimentos da Polícia Civil de Goiás da mesma data, mas em nenhum momento foi questionada a possibilidade de que ele atuasse em conjunto.

Além disso, o fato de que Lázaro foi morto com mais de 60 tiros não pareceu incomodar os jornalistas que cobriam sua morte, uma vez que a punição se concretizou para o criminoso. Porém, ainda que os crimes cometidos por Lázaro tenham sido de caráter hediondo, era preciso investigá-lo, julgá-lo e por fim, puni-lo de acordo com a lei, como qualquer outro criminoso. Lázaro morreu sem que a

família das vítimas pudessem ter o direito de entender o ocorrido e isso pareceu não incomodar os veículos analisados.

Com relação ao sensacionalismo dentro da cobertura policial, é possível observar que o apelo pelo sangue no jornal se faz presente em quase todos os veículos analisados. É quase como um acordo em comum mostrar de forma gráfica e detalhada os crimes cometidos por Lázaro Barbosa e posteriormente pela própria polícia.

As imagens sangrentas exercem a função de chocar a população de forma que existam duas reações: medo e satisfação. Saber que o criminoso foi morto pela polícia gera a falsa ideia de que a violência só pode ser combatida através de mais violência. O ciclo violento se faz presente cada vez mais com a ascensão da internet, já que esse conteúdo está livre para qualquer pessoa consumir e ainda, poder participar da criação dele, já que se torna cada vez mais comum gravar cenas de violência e enviar para a imprensa.

Apresentar uma narrativa sem profundidade e que não propõe a reflexão do leitor a respeito da criminalidade e das forças de segurança pública não é atingir o potencial do jornalismo de ser uma ferramenta que questiona para além do fato. É claro que é necessário relatar o fato, ainda que seja perturbador, mas isso não impede o repórter de questionar a violência policial e as versões apresentadas pela polícia de forma que a narrativa jornalística policial não se torne apenas uma forma de reforçar o discurso punitivista de punir o criminoso fora dos limites da lei.

O jornalismo policial, assim como em qualquer outra editoria, deve apresentar os mesmos padrões adotados em outras editorias. A credibilidade, a profundidade, o valor-notícia, a apuração afiada e a busca por informações de todos os lados, devem ser inseridos na reportagem de forma ética, sempre visando questionar o fato de forma imparcial, devem fazer parte da narrativa policial. Do contrário, a notícia deixa de ser jornalismo a partir do momento que é construída com apenas uma única fonte e uma única visão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa de. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge e BARROSO, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, L. F. **As forças de segurança como fontes de informação nas notícias**. 2016. 104 p. Dissertação (Jornalismo, Comunicação e Cultura) — Instituto Politécnico de Portalegre. Acesso em: 01/11/2022.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise Documental**. In: DUARTE, Jorge e BARROSO, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PACHECO, Alex Rômulo. **Jornalismo policial responsável**. Biblioteca online de ciências da comunicação. Lisboa: LabCom, 2005.

ROMÃO, Davi Mamblona Marques. **Jornalismo Policial: indústria cultural e violência**. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANTIAGO, M; FILGUEIRA, T; MARTINS, J. **Sangue no jornal: jornalismo policial e sensacionalismo na internet**. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, XX, 2018, Juazeiro. Anais eletrônicos... Juazeiro: Intercom, 2018.p.1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0478-1.pdf>. Acesso em: 25 de out. 2022.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Vol. II – A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

Seções **CORREIO BRAZILIENSE** Cidades DF

VIOLÊNCIA

Lázaro Barbosa morre em troca de tiros com a polícia em Goiás

O criminoso procurado há 20 dias acusado de matar uma família em Ceilândia foi morto em confronto com a polícia, segundo informações das forças de segurança






 Darcianne Diogo
  Samara Schwingel
  Victória Olímpio

 Ana Maria da Silva

postado em 28/06/2021 09:45 / atualizado em 28/06/2021 12:23



Assine a nossa newsletter

Digite seu endereço de e-mail para acompanhar as notícias diárias do Correio Braziliense.

Digite seu email...

INSCREVA-SE

MAIS LIDAS

1 Jovem desacordada é estuprada em festa na Asa Sul e estuprador é espancado

10:15 - 21/11/2022 - Compartilhe






ANEXOS

Buscas duraram 20 dias

🔍	O QUE LÁZARO FEZ	Maniaco?
🔍	O QUE A POLÍCIA FEZ	Desfecho
↶	EM PARALELO	Audiência
↷		Documento

1800 1700 1800 1900 2000 2100 2200 2300 2400



9:00
JUNHO 28, 2021

DESFECHO

Lázaro Barbosa morre ao trocar tiros com a polícia em Águas Lindas (GO): bit.ly/3dntUL1



g1 GOIÁS TV ANHANGUERA

Lázaro Barbosa morre após ser preso em Goiás

Segundo Segurança Pública, ele foi baleado em troca de tiros em Águas Lindas de Goiás. Aos 32 anos, ele tinha extensa ficha criminal, fugiu três vezes da prisão e era acusado de diversos crimes.

Por Vitor Santana, Danielle Oliveira e Vanessa Martins, G1 GO — Águas Lindas de Goiás
28/06/2021 10h10 · Atualizado há um ano



JF11 CAPTURA DE LÁZARO BARBOSA
Secretário dá detalhes de como foi o confronto da polícia com o criminoso



Os passos de Lázaro: onde o suspeito já foi visto ou cometeu crimes no Centro-Oeste

Cães farejadores também atuaram na caçada ao Lázaro, entre eles, cadela Cristal, que ajudou nas buscas em Brumadinho (MG). Um vídeo divulgado pela Polícia Militar **mostra o momento em que um pastor alemão do Comando de Policiamento de Cães (CP Cães) é carregado nas costas por um militar** após se ferir durante as buscas. *Veja vídeo acima.*

Distrito Federal

Lázaro Barbosa é morto durante troca de tiros com policiais de Goiás em matagal

O maníaco foi cercado por agentes de segurança e, durante troca de tiros, acabou baleado e abatido

Mirelle Pinheiro, Carlos Carone, Francisco Dutra, Nathália Cardim
28/06/2021 9:54, atualizado 28/06/2021 12:15

Material cedido ao Metrôpoles



Últimas notícias

Economia

Falta de clareza sobre tamanho do buraco no teto de gastos preocupa

Celebridades

Erasmus Carlos no cinema, Chay Suede publica despedida: "Para sempre"

Meio Ambiente

Cientistas descobrem nova população de arraias gigantes

Distrito Federal

GDF anuncia construção de novo campus da UnDF em Ceilândia

Beleza

Mulher tenta remover micropigmentação e resultado de desastroso choca web

Siga nossas redes


WhatsApp Telegram

Confira fotos de Lázaro após a captura:



Lázaro Barbosa, 32 anos, foi morto após confronto com policiais — Reprodução

Veja o vídeo do momento em que Lázaro chega de maca ao hospital:


 INGRESSO.COM BATE-PAPO MEU NEGÓCIO PASSEI DIRETO PAGSEGURO UOL PLAY

SAC EMAIL ENTRE ASSINE UOL

PRODUTOS NOTÍCIAS CARROS ECONOMIA FOLHA COPA 2022 ESPORTE SPLASH UNIVERSA VIVABEM TILT ECOA CANAL UOL MOV NOSSA TAB

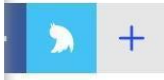
Lázaro Barbosa é morto em ação policial após 20 dias de busca



Andréia Martins e Pedro Paulo Couto*
 Do UOL, em São Paulo e colaboração para o UOL, em Goiás
 28/06/2021 09h34 | Atualizada em 28/06/2021 20h43

Após 20 dias de buscas, Lázaro Barbosa de Sousa, 32, suspeito de matar uma família no Distrito Federal e de outros crimes também em Goiás, foi morto na manhã de hoje em uma ação policial em Águas Lindas de Goiás (GO). A morte





Bolsonaro comemora morte de Lázaro

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) comentou nas redes sociais a morte de Lázaro Barbosa. "Lázaro: CPF cancelado!", escreveu Bolsonaro em seu perfil no Twitter. A expressão é comumente utilizada no meio policial para se referir a execuções ou mortes.



Lázaro Barbosa é retirado de carro antes de ser colocado em ambulância
Imagem: Reprodução

Lázaro recebeu ajuda, diz Caiado

